



ORIENTE MÉDIO

Hammas e Israel pactuam cessar-fogo

Primeira fase do plano de Trump prevê libertação, em 72 horas, de 20 reféns israelenses e de 2 mil presos palestinos. Presidente dos EUA fala em “grande dia para o mundo árabe e muçulmano e para Israel”. Acordo deve ser assinado hoje, no Egito

» RODRIGO CRAVEIRO

O anúncio foi feito pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em sua plataforma Truth Social, às 18h51 de ontem pelo horário de Washington (1h51 de hoje, em Sharm El Skheikh, no Egito), um dia depois do segundo aniversário do massacre de 7 de outubro de 2023 e do início da guerra na Faixa de Gaza. “Estou muito orgulhoso em anunciar que Israel e Hamas assinaram a primeira fase de nosso plano de paz. Isso significa que todos os reféns serão libertados muito em breve, e Israel retirará suas tropas para uma linha pré-acordada, como os primeiros passos rumo a uma paz duradoura, eterna e forte”, escreveu.

“Todas as partes serão tratadas com justiça! Este é um grande dia para o mundo árabe e muçulmano, para Israel, para todas as nações vizinhas, e para os Estados Unidos. Agradecemos aos mediadores do Catar, do Egito e da Turquia, que trabalharam para fazer com que esse evento histórico e sem precedentes ocorresse. Abençoados sejam os pacificadores!”, acrescentou. À noite, Trump disse esperar que todos os reféns sejam entregues até segunda-feira.

A agência France-Presse (AFP) divulgou que às 6h de hoje (pelo horário de Brasília) haverá uma assinatura formal da primeira etapa do plano. Jornalistas viram o momento em que Marco Rubio, secretário de Estado americano, cochichou no ouvido de Trump e entregou-lhe um bilhete, por meio do qual anunciou o acordo.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, publicou na rede social X: “Com a ajuda de Deus, traremos todos de volta”. O premiê reunirá o gabinete hoje para autorizar o acordo. “Um grande dia para Israel. Amanhã (hoje), convocarei o governo para aprovar o acordo e trazer todos os queridos reféns para casa”, disse, em nota. O líder israelense agradeceu aos “bravos soldados das IDF (Forças de Defesa de Israel) e a todas as forças de segurança. “É graças à coragem e ao sacrifício deles que chegamos a este dia”, destacou.

Uma fonte do movimento islâmico palestino Hamas citada pela AFP disse que, na primeira etapa do acordo, 20 reféns serão libertados de uma só vez, em troca de cerca de 2 mil presos palestinos. A troca deve ocorrer nas 72 horas seguintes ao início da implementação do acordo. Dos 250 israelenses sequestrados no sul de Israel pelo Hamas, 48 ainda estão em Gaza. A guerra na Faixa de Gaza deixou pelo menos 67 mil mortos, segundo o Ministério da Saúde controlado pelo Hamas.

Em comunicado à imprensa, o Hamas informou que, “após negociações sérias e responsáveis (...) em Sharm El Sheikh, com o objetivo de alcançar o fim da guerra de extermínio contra o nosso povo palestino e a retirada da ocupação da Faixa de Gaza; o Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) anuncia ter chegado a um acordo que prevê o fim da guerra em Gaza, a retirada das forças de ocupação, a entrada de ajuda humanitária e a troca de prisioneiros”.

“Amém!”

Sobrevivente do massacre de 7 de outubro no kibbutz de Nir Oz, Dorin Rai levantou-se rapidamente na madrugada de hoje

Ahmad Gharabli/AFP



Manifestantes seguram retratos de israelenses em poder do Hamas desde 2023, em ato pelo segundo aniversário do massacre, em Tel Aviv

Bashar Taleb/AFP



Crianças palestinas em acampamento de Nuseirat, no centro de Gaza

Jim Watson/AFP



Secretário de Estado Marco Rubio conta a Trump sobre acordo no Egito

Duas perguntas para

IBRAHIM ALZEBEN, embaixador da Palestina em Brasília

De que forma o acordo pode atender aos anseios do povo palestino?

Vemos este acordo como um passo necessário e positivo para pôr fim ao sofrimento da população civil em Gaza. Desde o primeiro dia, desejávamos que a agressão cessasse e que o silêncio das armas permitisse o alívio da tragédia humanitária. Este entendimento representa uma oportunidade real para abrir caminho a um processo político sério, que conduza ao

reconhecimento pleno do Estado da Palestina e à concretização das aspirações legítimas do nosso povo à liberdade, à segurança e à dignidade. Apelamos à comunidade internacional para preservar o impulso deste acordo histórico, transformando-o no ponto de partida para uma paz duradoura e para o estabelecimento do Estado da Palestina independente.

O senhor acredita em uma paz sustentável e real no Oriente Médio com esse acordo? Por que?

Acreditamos que este acordo possa ser o início de um caminho

rumo a uma paz sustentável e real, desde que seja acompanhado de um compromisso genuíno da comunidade internacional em garantir justiça e igualdade para o povo palestino. A paz verdadeira não se constrói apenas com o cessar das armas, mas com o fim da ocupação, o respeito pelo direito internacional e o reconhecimento do Estado da Palestina com Jerusalém Oriental como sua capital. Todos os povos da região desejam um futuro seguro e próspero, depois de mais de sete décadas de guerras destrutivas, agressões e da negação dos direitos de todo um povo — o povo palestino. Se houver vontade



Evandro Sá/AFP

política e responsabilidade coletiva, este acordo poderá transformar-se numa oportunidade histórica para uma coexistência pacífica e duradoura em toda a região. (RC)

de um dos reféns escreveu que estava muito feliz”, disse. Morador de Tel Aviv, o estudante de psicologia Gil Dickman, 33, teve a tia Kinnet assassinada em 7 de outubro; Yarden, enteada dela, foi solta depois de 54 dias no cativeiro; Carmel Gat, filha de Kinnet, acabou executada em Gaza, 328 dias depois do massacre. Os três familiares foram levados do kibbutz de Be’eri. “Estamos superanimados. Finalmente, está acontecendo! Trump merece

48 Prêmios Nobel”, desabafou à reportagem, pelo WhatsApp, em alusão ao número de reféns.

No norte da Cidade de Gaza, o repórter fotográfico Ahmed Hassan Youssef Al-Saifi, 24, disse ao **Correio** que os moradores vivem um misto de felicidade e de alívio, além de tensão, ansiedade e medo. “Tivemos experiências com a ocupação israelense e suas violações de acordos. Nossa alegria é incompleta”, desabafou o palestino.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Ainda tenho medo, mas acredito na paz. Não estou certa como ela será, mas que venha com algum tipo de acordo. Estou na expectativa do retorno de todos os sequestrados e que o maior número possível de vidas seja salvo. Nesses dois anos, tenho trabalhado para reabilitar minha família, especialmente meu marido, que sofre de transtorno de estresse pós-traumático grave desde aquele dia terrível!”

Dorin Ray, 44 anos, terapeuta de animais, sobrevivente do massacre de 7 de outubro de 2023 no kibbutz de Nir Oz

Arquivo pessoal



“Qualquer passo que possa aliviar o sofrimento de meu povo é positivo. Temos enfrentado dificuldades insuperáveis, vivemos uma verdadeira tragédia. Perdemos tudo: nossas casas, nosso senso de segurança e até mesmo nos perdemos de nós mesmos. É hora de encontrarmos um pouco de paz, mesmo que por um curto período. Mas a ocupação israelense não é digna de confiança. Ela violou acordos no passado.”

Ahmed Hassan Youssef Al-Saifi, 24 anos, repórter fotográfico, morador da Cidade de Gaza

Otimismo e cautela

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cristina Soreanu Pecequillo admitiu ao **Correio** que, por um lado, é preciso ver essa primeira etapa do acordo com otimismo. “Depois de meses de negociações indiretas, de novo conseguiu-se chegar a um certo tipo de acordo que, pelo menos, resolverá alguns dos principais problemas de Netanyahu — as pressões internas para que os reféns fossem libertados”, disse. “Fica em aberto a questão de qual é o compromisso de Israel em levar adiante as provisões do acordo. Nisso, está a devolução de prisioneiros palestinos, mas, principalmente, o fim dos bombardeios. Não está claro como será o recuo das tropas de Israel. O arranjo político posterior ainda é muito incerto.”

Pecequillo avalia que, apesar de bom sob o ponto de vista humanitário (em relação à libertação dos reféns e presos), o plano é insuficiente no sentido de sinalizar o futuro da Autoridade Palestina. “Parece claro que Trump será o chefe do governo de transição. O acerto parece positivo a curto prazo, mas há a sombra de Israel não cumprir com a primeira fase do acordo.”